

OS MOVIMENTOS NA REDE: A LEITURA COMO ATO POLÍTICO E MUNIÇÃO PARA A INSURGÊNCIA¹

Ana Paula da Silva Conceição Oliveira²; Marietta Nunes Nidecker³

O presente artigo investigou o uso das redes sociais como espaço de diálogo e manifesto dos movimentos urbanos na atualidade. Objetivamos pesquisar a existência de grupos que usam a rede para disseminar projetos culturais e incentivos à leitura como caminho para a construção de uma sociedade mais justa e menos desigual. Estudamos alguns movimentos que utilizam o Blog e o Facebook como ambiente de reflexão e proliferação de causas importantes, sendo a leitura uma atividade fundamental, que conduziria a população a uma postura mais crítica e consciente frente aos desafios característicos da sociedade da tecnologia, da informação e da comunicação (TICs). Entrelaçamos as leituras e aprendizagens tecidas na disciplina de Conhecimento, Cultura e Tecnologia que integra o mestrado da Faculdade de Formação de Professores – FFP/UERJ e articulamo-as com a realidade vigente investigando as usabilidades astutas da cibercultura no contexto atual. Entre inúmeros coletivos encontrados na rede, nos conectamos com dois movimentos denominados “Livros Viajantes e Livros Itinerantes” e linkamos seus saberes e movimentos impregnados de sentido em uma sociedade repleta de mídias e tecnologias, mas ainda esvaziada de políticas que consolidem efetivamente igualdade de condições e direitos. Na era da selfie e do Facebook, muitos ainda são invisibilizados. Ler seria um importante caminho, se não um ato de insurgência frente à sociedade do espetáculo, onde agir criticamente se faz cada vez mais necessário.

Palavras-chave: Cibercultura; Insurgência; Leitura; Movimentos; Sociedade.

1. A Universidade Dialogando com os Movimentos Instituintes: O Plugin foi Conectado

Refletir sobre a presença das tecnologias da informação e comunicação na atualidade tem sido um desafio a ser enfrentado, especialmente no âmbito acadêmico, que ao estender sua audição para as realidades instituintes, precisa ouvi-las como vozes importantes no processo de construção social. Ao articular teoria e prática, a universidade desloca-se de uma centralidade onipotente e apresenta-se como possibilidade dialógica. Algo que vimos discutindo ao longo da disciplina de Conhecimento, Cultura e Tecnologia que compõe o mestrado da Faculdade de Formação de Professores – FFP/UERJ. Perceber os espaços sociais,

¹. Artigo apresentado ao Eixo Temático 09 – Redes Sociais/ Sociabilidade do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

². Pesquisadora é mestranda da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ). Participa da Linha de Pesquisa: Políticas e Desigualdades Sociais. E-mail: ana.pedagogia@yahoo.com.br.

³. Pesquisadora é mestranda da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ). Participa da Linha de Pesquisa: Políticas e Desigualdades Sociais. E-mail: marinidecker@gmail.com.

os movimentos e culturas presentes na sociedade revela uma sinfonia pouco ouvida pela academia, que tem buscado ligar o plugin, antes desconectado. Sobre esta compreensão convém sublinhar Freire (1996) ao abordar a importância das aprendizagens socialmente construídas por homens e mulheres, que em suas experiências informais, fora da escola, descobriram que é possível ensinar. Assim, se as instituições valorizassem mais as experiências externas ao ambiente escolar acadêmico, considerando as inovações tecnológicas inseridas no cotidiano social, conseguiriam enxergar a significação dos gestos ali impregnados e sua legitimidade.

Neste sentido, se a escola e a academia valorizassem mais as “experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas” e em tantos outros espaços, conseguiriam enxergar a significação dos gestos ali impregnados e sua legitimidade. Perceber as riquezas presentes nos movimentos instituintes ajudaria a universidade a compreender a pobreza que é limitar-se a uma educação bancária, ainda presa na transmissão de conteúdos sem nenhum vínculo com a realidade social. Sentimos a necessidade de ligar o plugin e de nos conectar com a realidade, a cultura popular tem emitido sua voz, precisamos ouvi-la.

Não há como permanecer desplugado, a era da informação e comunicação tem mostrado a que veio. Atualmente desconsiderar as tecnologias e as possibilidades inerentes a ela pode significar tornar-se alheio, alienado, um estrangeiro em uma nova terra, onde as conexões, os links e as vozes começam a sustentar um coral. O panorama mudou e as formas de comunicação também. Dunley (2005) dialoga sobre a “festa tecnológica”, expressando inicialmente o excesso das tecnologias, sua utilização e consumo na cultura contemporânea, denominada pela autora como cultura informacional. A grande massa consumindo as mídias e fazendo delas o seu deleite, o que pode denotar uma armadilha disfarçada de espetáculo. Técnicas e tecnologias que de forma atraente sustentam a globalização e consolidam o capitalismo na contemporaneidade. Os aparatos tecnológicos estão postos à prática cotidiana dos sujeitos, isto é inegável, porém perceber-se como agente reflexivo diante de tantos dispositivos traduz-se como elemento problematizador. Convém pensar que:

O uso das tecnologias de comunicação, dos equipamentos de captura e produção de som e imagem, das ferramentas locativas e telepresenciais dentre tantos outros dispositivos e linguagens midiáticas, permitiram o acesso de uma massa consumidora (crítica ao processo ou não) aos processos e discussões que permeiam tais dispositivos (GALVÃO, 2012, p.4).

A academia é um espaço de reflexão crítica sobre as realidades sociais, no que concerne a presença em massa das tecnologias, não cabe uma ingenuidade ou simples adesão. O uso das TICs trouxe novas formas de se comunicar com o mundo, assim como de se relacionar com ele. As barreiras do tempo e do espaço foram dando lugar à flexibilização e à chegada de informação em tempo rápido, instantâneo, o que não significa necessariamente, que toda comunicação realizada através dos recursos tecnológicos seja de fato reflexiva ou dialógica. A rapidez da informação não permite o pensamento, apenas o consumo, o que denota uma teia perigosa. Em contrapartida, estabelecer um processo comunicacional requer a priori, a possibilidade efetiva de interlocução e sobre este aspecto, a comunicação pressupõe uma vontade discursiva (BAKHTIN apud BERNINI & MENEGASSI, 2013). Neste sentido, usar as tecnologias através de um fluxo dinâmico e acelerado não pressupõe necessariamente comunicar-se dialogicamente, isto porque a interlocução envolve o outro, pensar junto, refletir, discutir, problematizar e não apenas consumir um recurso ou notícia.

Em busca de usos astutos da cibercultura, o artigo aqui proposto objetivou estudar as apropriações das TICs como práticas sociais e refletir sobre o contexto midiático na sociedade atual, suas implicações e possíveis movimentos de insurgência frente à cultura do consumo e ao fetiche da globalização. Deste modo, as redes sociais apresentam a disseminação de grupos e movimentos que fazem parte da sociedade e que revelam suas formas de ser, agir, relacionar, pertencer e lutar no cenário cibercultural. Ao dialogarmos com as artes, por exemplo, Galvão (2012) no livro *Contra Cultura Digital*, fala sobre as mídias e seu uso na sociedade atual, conduzindo a uma reflexão sobre os papéis distintos que as tecnologias exercem no campo artístico, de um lado, apenas como artefatos espetaculares em uma sociedade midiaticizada e de outro, como ferramentas de subversão em resposta a esta mesma sociedade produtora das TICs. Ao usar as redes para manifestar opinião crítica com concretude, faz-se um movimento subversivo, da mesma forma quando compartilha-se poesias, canções, vozes, ideias, reflexões, angústias, leituras, pinturas, movimentos ou gritos por sobrevivência. Esta aplicabilidade vem elucidando outros jeitos de relacionar-se nas redes sociais, pequenas revoluções que exprimem suas respostas ao modelo de sociedade capitalista.

Em favor de apropriações perspicazes da cibercultura, este estudo destinou-se a pesquisar possíveis movimentos insurgentes, buscando conhecer as realidades instituintes existentes na sociedade atual. Deste modo, foram realizadas procuras incessantes nas redes sociais, nos blogs e sites de busca para localização de movimentos que ecoassem ações educativas nos ambientes urbanos, projetos, expressões e lutas. Diante do contexto das TICs, os recursos da cibercultura tornam-se fortes aliadas para desvendar descobertas e grandes

achados. Neste sentido, as autoras deste estudo apropriaram-se das tecnologias para conhecerem coletivos que transmitissem suas vozes na rede, através de links, hiperlinks ainda abertos para a interlocução de saberes, culturas e manifestos.

2. Movimentos em Rede: Livros Viajantes e Itinerantes, um Incentivo à Leitura como Ato de Insurgência

De acordo com Sakárnio (2012) a cultura digital é aquela em que os sujeitos se relacionam através de aparatos digitais. Notadamente as redes sociais têm se apresentado como espaço de comunicação entre inúmeras pessoas, sendo utilizadas como meio de trocas, compartilhamento de ideias, de saberes, protestos e trocas. Na sociedade do espetáculo e do consumo, manter-se crítico torna-se fundamental sendo o incentivo à leitura, uma tentativa de opor-se a tudo aquilo que aliena, agride e escraviza os sujeitos sociais e suas culturas. Em cartografia dos estudos culturais vimos que “a cultura não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e de lutas sociais” (JOHNSON, apud ESCOSTEGUY, 2001, p. 60). Desta forma, entender a cultura como um lugar de diferenças, de suprimimento de necessidades e de lutas remete pensar nos movimentos insurgentes que através de seus manifestos e ideais tentam mover-se contra um sistema dominante e excludente, que a todo tempo agride a população através políticas injustas, interessadas apenas na lucratividade e exploração dos desvalidos.

Frente aos desafios que ainda são inúmeros na sociedade atual, este estudo buscou ressaltar a importância da apropriação crítica da cibercultura, representada por dois movimentos denominados: “Livros Itinerantes” e “Livros Viajantes, Leia e Passe a Adiante”. O movimento “Livros Itinerantes” foi inspirado em projetos baseados na economia solidária, coletividade urbana e democratização da leitura, através de uma proposta de desapego literário de livros novos e usados. A ideia é que livros sejam deixados nos ambientes de circulação de pessoas, denominados de não-lugares, sendo eles: aeroportos, terminais rodoviários e estações de trens. Pessoas que circulam estes ambientes, que pouco percebem o espaço em que se encontram, dominadas pelo ritmo acelerado do cotidiano, que pouco ou nada olham ao seu redor, em algum momento podem encontrar um livro com um recado de incentivo à leitura. A proposta começou apenas com livros e revistas de viagens, normalmente distribuídos em aeroportos, rodoviárias, etc. As literaturas eram deixadas nestes ambientes urbanos com o objetivo de incentivar o hábito da leitura, facilitando o acesso aos livros por meio da circulação colaborativa. A idealizadora do projeto é uma mochileira que não tem

moradia fixa e percorre diferentes espaços urbanos disseminando a ideia de doação de livros e ampliação da leitura através de um Blog⁴. Através da inspiração do etnólogo Marc Auge, que trabalha na perspectiva do “não lugar”, este movimento expande a relevância da leitura nos espaços urbanos, normalmente caracterizados por uma rotina praticamente padronizada onde as pessoas que ali percorrem estão ligadas no automático de suas vidas e afazeres, algo muito comum nos diversos cantos do mundo. Desta forma, esbarrar em um livro itinerante, fazer sua leitura, mudar-se como sujeito e prosseguir com a ideia de circulação colaborativa seria uma possibilidade transformação de si e do outro nesta sociedade tão desigual e injusta.

Outro grupo encontrado na rede social foi o movimento “Livro Viajante, Leia e Passe Adiante”, criado no Facebook⁵, o movimento compartilha a proposta de levar livros para praças públicas e terminais rodoviários com o objetivo de distribuição e troca nos espaços/nas ruas. As pessoas que circulavam as ruas, praças e rodoviárias eram convidadas a escolherem um livro, levarem para casa e realizarem sua leitura. Assim que terminassem a leitura, era necessário passar o livro adquirido para outro leitor que teria a missão de prosseguir com a proposta. De acordo com o movimento, a iniciativa consiste em pensar novas maneiras de intervenção cultural e cidadã. São realizados encontros semanais na Praça XV, no centro de Rio de Janeiro em meio ao público, onde estabeleceu-se um ponto de encontro para a distribuição, doação e compartilhamento dos livros. Neste sentido, o livro é considerado um importante instrumento de disseminação da cultura e do conhecimento, um forte aliado para a construção de uma sociedade melhor. Ler na perspectiva deste coletivo significa um ato político.

Vista como um instrumento de poder, a leitura vem através dos tempos assumindo seu papel na sociedade, que é o de contribuir como decodificadora de signos, embora vá além deste nível. Freire (1983) sinaliza que os signos são os próprios fatos, situações reais ou imaginárias em que os sons, paisagens e imagens encaminham à melhoria da relação do homem com o meio e o mundo. No decorrer de nossa busca virtual, localizamos alguns grupos em Blogs e Facebook que desenvolviam a ideia de livros viajantes/itinerantes, que através da iniciativa de compartilhar leituras, trocar e doar livros, viu em sua proposta solidária um caminho para o conhecimento, a descoberta e a formação crítica dos sujeitos.

⁴ O Blog criado para divulgação da proposta encontra-se disponível em: <http://www.dentrodomochilao.com/2013/09/projeto-livro-itinerante/> Acesso em: 10 de Set. 2016.

⁵ O movimento criado no Facebook encontra-se acessível em: <https://www.facebook.com/livroviajante.rio/> Acesso em: 10 de Set. 2016.

Deste modo, perceber o incentivo à leitura como movimento insurgente significa compreender que o hábito de ler exerce uma grande força num contexto social, político, econômico e cultural, assim como uma nova perspectiva de vida e visão de mundo. Colaborando com esse entendimento, Kleiman (1989) aborda a leitura de mundo por meio da atuação do conhecimento, entendendo ser este fundamental para que as inferências sejam realizadas com coerência.

Neste sentido, a insurgência adquire na pós-modernidade, não o caráter de urgência, mas de comentário, citação sobre o conhecido, reconhecimento da realidade através do que se lê. A abordagem que a leitura por insurgência provoca é sempre de ordem comparativa, pois não visa extrair o sentido das coisas, mas reordená-las em contornos dados pela tradição, contornos assumidos como problemas inerentes ao texto/signo: o sentido material e o sentido imaterial do discurso. O leitor em atividade afasta-se do tipo de leitura por interpretação, efeitos de sentido, passando a operar pelo tipo de leitura por insurgência, ou seja, assume-se diante da obra como presença, ou aquilo que denominou (GUMBRECHT, 2010, p. 77) “realidade de Ser”. Através da leitura por insurgência, o leitor atua como máquina de produção de subjetividade, organizando agenciamentos coletivos e individuais de enunciação, tudo isso parece visar à recomposição da corporalidade existencial, a capacidade de se ressingularizar a cada leitura. A leitura como intencionalidade inseparável da obra e do sujeito que observa faz seu praticante ganhar voz. Essa relação leitura-obra-leitor assusta por tornar explícito demais o conhecido. Nesse sentido, a leitura é um exercício de liberdade e de individuação, com caráter formativo, o que nos faz pensar na cibercultura como ambiente potente de incentivo à leitura e a democratização do conhecimento. Sobre este aspecto:

Quanto mais podemos livremente produzir, distribuir e compartilhar informação, mais inteligente e politicamente consciente uma sociedade deve ficar. As ações de produzir, distribuir, compartilhar são os princípios fundamentais do ciberespaço (LEMOS; LEVY, 2010, p. 27).

Os autores consideram fundamental aproveitar a potência das tecnologias digitais para produção de conteúdo próprio e compartilhamento de informações, que conseqüentemente promovem o enriquecimento da cultura transformando-se em um fazer político. Fazer “usos” da cibercultura nesta perspectiva torna-se de fato um fazer ativista.⁶ Compreendemos então, a relevância dos ambientes virtuais como espaços de lutas incansáveis em prol da cidadania e da democratização da leitura, através dos movimentos instituintes. Acrescentamos ainda o

⁶ De acordo com (LEMOS; LEVY, 2010) o fundamento básico do ativismo refere-se ao uso diferenciado das potencialidades midiáticas, graças a crescente acessibilidade dos computadores, redes e softwares.

entendimento destes “lugares virtuais” como política de ação, de acordo com Certeau (1994), precisamos olhar de forma atenta para os usos que os praticantes fazem dos produtos colocados para consumo, o autor convida à compreensão sobre os possíveis usos astutos e criativos sobre os artefatos culturais presentes na sociedade. Desta forma, políticas contextuais⁷ imprimem-se no universo da cibercultura, evidenciando modos inteligentes de exploração praticados pelos grupos e movimentos aqui apresentados.

3. Ligamos o Plugin, Descobrimos o Encanto das Sereias e Agora?

Não há como negar a utilização das redes sociais com finalidade econômica, muitas são as comunidades e os vínculos entre os sujeitos, inúmeras as atividades, sejam elas educativas, artísticas, culinárias, musicais, partidárias e tantas outras. Viu-se a internet como mecanismo de crescimento financeiro, a sociedade tem consumido compulsivamente nesta era digital em que acessar as lojas, os bancos, shoppings, agências de viagens e a tantos outros produtos torna-se cada vez mais crescente. A facilidade de acesso aos shoppings virtuais que se apresentam sedutores e convincentes é cada vez mais aparente, propostas tentadoras são oferecidas ao consumidor, que em apenas um clique ou toque pode introduzir sua sentença: Compro, logo existo e se existo posso legitimar meu poder de consumo merecidamente. Ideia esta oriunda do sistema capitalista que se apresenta de forma sedutora, conquistando a grande massa com seu canto de sereia, já alertado por Blikstein e Zuffo a que abordaremos a seguir.

Introduzir este assunto aos embalos do canto das sereias de Blikstein e Zuffo (2012) representa primeiramente um encantamento com a forma agradável na qual os autores desenvolveram suas reflexões sobre o ensino eletrônico. O surgimento das tecnologias na sociedade foi pensada inicialmente como algo revolucionador que mudaria radicalmente a vida dos sujeitos. Novas formas de ler, trabalhar, estudar, consumir, se relacionar e viver invadiriam o cotidiano das pessoas e como uma mágica tudo seria transformado, uma espécie de revolução mudaria definitivamente os modos de viver e sobreviver. A vida continua, e o efeito apaixonante das tecnologias transitou para um espaço menos ilusório e mais concreto.

As tecnologias, especialmente a internet, realmente mudou o cotidiano das pessoas, outras formas de se comunicar e relacionar foram surgindo. Empresas perceberam na rede um grande potencial para os negócios e a educação também tem usufruído de ambientes virtuais de aprendizagem, acrescentando recursos da EaD como estratégia de trabalho. Os programas

⁷ Aqui pretendemos explicitar que o contexto dos movimentos apresentados, através da iniciativa de promoção da leitura denota uma política de ação.

televisivos mudaram ao notar a necessidade da interatividade como mecanismo de aproximação do público e ganho de audiência, pois a cultura atualmente é outra, ela é digital. De acordo com Abreu (2009) o usuário da internet considera mais interessante estar online do que assistir programas televisivos, entendidos como pouco ativos, navegar na rede acabou tornando-se mais proveitoso e interativo do que assistir TV. A autora ainda acrescenta que os usuários da internet no começo do século XXI estão desejosos por consumir; na rede eles encontram informação, produtos, lugares e tantos outros serviços passíveis de serem adquiridos/consumidos.

Este é o canto das sereias, e agora? Um canto que seduziu a todos, que hipnotizou de tal forma, que não conseguimos mais sair da rede ou mesmo nos desprender do celular que permanece conectado 24 horas. Verificar nossas mensagens de e-mail, as postagens do Facebook, fazer uma selfie, conferir as curtidas, os comentários, mudar a foto do perfil, atualizar postagens no Instagram, acessar e enviar mensagens através do *WhatsApp*, o cotidiano realmente tornou-se diferente, digital. A tecnologia começou a fazer parte do humano, transformando-se em uma espécie de segunda pele, conforme destaca Kerckhove (2009), as tecnologias são uma extensão do nosso corpo. O autor faz uma leitura muito pertinente constatando a “*psicotecnologia*”, um estudo da condição psicológica dos sujeitos que vivem sob a influência da inovação tecnológica. A realidade psicológica depende parcialmente de como as extensões tecnológicas nos atinge, desta forma, as culturas atravessadas por tecnologias vivem em um contexto inseparável, ambos se complementam de tal modo que a técnica externaliza a consciência humana e a consciência não descarta mais a tecnologia como parte do corpo. A era digital está posta, a invisibilidade ou negação das transformações na sociedade não cabem mais, o que fazer com esta dada realidade será o grande desafio a ser enfrentado.

Percebemos as contribuições de Kerckhove (2009) ao abordar as artemanhas da TV, através de um olhar cuidadoso sobre os riscos que corremos quanto às informações introjetadas em nós. Na compreensão das psicotecnologias, a TV produz um tipo de realidade mental fora do corpo e da mente, o que traduz o perigo de pensarmos como a televisão deseja, pois há um grande interesse de influência televisiva neste sentido. Pensarmos em massa, homogeneamente torna-se desejável para a mídia que a todo tempo busca seduzir a população para o consumo, seja este consumo de informação, opinião ou de produtos.

Não interessa se temos um canal ou cinquenta. O conteúdo de uma estação de televisão geralmente fará eco de outro. Abstraindo as questões de estilo, o discurso televisivo é o mesmo por todo o mundo. A TV é um barômetro da

psicologia global, não local. É a nossa psicologia global eletrônica, fornecendo-nos noções comuns de tempo, espaço e sociedade. A televisão fornece a todos um invólucro psicotecnológico moral. Ao selecionar os tópicos da nossa consciência moral, elabora também parte do nosso pensamento para nós (KERCKHOVE, 2009, p. 225).

O autor fala sobre uma moralidade pública criada pela televisão, que instantaneamente gera pensamentos coletivos, forma opinião e a classifica como a da grande massa. As mídias têm a arte ou a técnica adequada para promover uma espécie de “pensamento da nação”, na verdade não há tempo para pensar, porém os poucos segundos ou minutos que nos colocamos em frente à TV é o suficiente para introspectarmos uma informação ou conceito que passam a ser nossa visão. Kerckhove (2009) ainda chama atenção para a soma dos discursos nas nossas telas entendida como o nosso novo eletrônico senso comum. Ao destacar as compreensões de McLuhan, o autor reforça seu entendimento sobre os sistemas elétricos de informação como ambientes vivos no pleno sentido orgânico, denotando que tais sistemas alteram a sensibilidade dos sujeitos, seus sentimentos, emoções e os mesmos não se dão conta disso.

Os encantos continuam a pairar, envolver, seduzir e de uma forma mais abrangente, diferentemente do foco na tela da TV, os computadores foram assumindo uma relação mais dinâmica com a humanidade. As mídias encontram-se integradas, as interfaces são variadas e a relação homem máquina torna-se cada vez mais próxima, íntima. Sobre este aspecto, Kerckhove intera:

As novas mídias eletrônicas estão se tornando ambientes intermediários, acendendo à realidade íntima das nossas psiques privadas e fornecendo uma ponte para o mundo exterior. Efetuam uma espécie de mediação social numa única e contínua extensão dos nossos poderes pessoais de imaginação, concentração e ação. Funcionam largamente como uma segunda mente em breve dotada de mais autonomia do que talvez desejássemos (KERCKHOVE, 2009, p.227).

Esta autonomia a que o autor se refere tem se apresentado cada vez mais onipresente, vimos a relação das pessoas com as tecnologias, a intimidade das novas gerações, desde uma criança que ao nascer já está imersa às mídias e naturalmente manipula os celulares e telas de *tablets* sem dificuldade. Vimos as gerações de uma era analógica inserindo-se no universo digital, acessando as redes, interagindo através dos celulares, se adaptando ao novo que é breve e instantâneo, a cada dia uma interface mais moderna e assim por diante. Uma ótima tática para o capitalismo, pois já inseridos em um universo tecnológico, ou melhor, psicotecnológico (KERCKHOVE, 2009) não há como voltar atrás. A grande massa já foi seduzida, a cada novidade no mercado, uma necessidade de obtenção é movida em nós, isto

porque nossa relação com os artefatos é de muita proximidade, desejamos rapidez nas respostas, esperamos mais do que os aparelhos muitas vezes podem oferecer, afinal como “segunda pele”, eles precisam ser rápidos, dinâmicos e plenos para manter nossa rotina e organização de vida que não se percebe mais completa sem a presença das TICs, pois estas já fazem parte de nós.

Encantados com as possibilidades das mídias e tecnologias o que não se pode perder é a reflexão sobre todo este evento, as informações não podem ser apenas consumidas, elas precisam ser pensadas, discutidas, analisadas e fundamentalmente problematizadas. Não há como manter-se escravo de um sistema que a todo tempo manipula e domina. Para além das tecnologias, o que deve estar em jogo são as ideologias por de trás delas. O homem ainda é humano e pensante e as tecnologias frutos de seus ideais.

As tecnologias vistas de forma tradicional são concebidas como instrumentos acessíveis ao homem para a realização de suas atividades. O cotidiano dos sujeitos é atravessado por tecnologias que compõem o cenário da humanidade e desta forma tornam-se o “ambiente do homem”, de acordo com Galimberti (2000), a técnica é o próprio ambiente. O autor ainda acrescenta que:

Então a técnica, de instrumento nas mãos do homem para dominar a natureza, se torna ambiente do homem, aquilo que o rodeia e o constitui, segunda as regras daquela racionalidade que, seguindo os critérios da funcionalidade e da eficiência, não hesita em subordinar às exigências do aparato técnico as próprias demandas do homem (GALIMBERTI, 2000, p. 11).

Não há como negar a existência de uma sociedade impregnada de técnicas cada vez mais sofisticadas, perceber esta sociedade significa repensar o conceito de tecnologia para além de um caráter apenas instrumental, uma ferramenta. Desta forma:

Então é possível afirmar que a relação com a técnica nunca é puramente instrumental. Além de uma base técnica que define suas funcionalidades, as plataformas digitais, os ambientes virtuais e os meios de comunicação digitais em rede possuem uma característica particular. Os meios de comunicação eletrônicos possuem como característica fundamental o fato de permitirem a transmissão de elementos de ordem abstrata ou simbólica (PEIXOTO, 2015, p.319).

De acordo com o exposto as TICs adquirem uma dimensão mais ampla, pois envolve outras maneiras de pensar e fazer o mundo, tornando-se uma espécie de nova tecnologia da inteligência (LÉVY, 1993), superando então uma perspectiva apenas instrumental das tecnologias digitais.

Convém ressaltar que a humanidade transita por transformações cotidianas e observar o cenário atual exige no mínimo organização das ideias. A técnica como extensão do homem repagina a história e apresenta outras possibilidades à humanidade, que constrói sua identidade em um contexto diferenciado, ou seja, imerso por tecnologias. Nascer nesta sociedade significa desenvolver outra identidade, outra cultura e para aqueles que não nasceram, mas vivenciaram o decorrer desta transição, sentiram o embate destas transformações, os modos de comunicação e interação com o mundo são outros, impossível invisibilizar esta mutação.

Vimos o homem transformando-se com o tempo e seus costumes também, a diferença é que em um ambiente repleto de técnicas e tecnologias, enxergar-se desvinculado das mesmas torna-se extremamente difícil, afinal cortar um membro do corpo é um processo doloroso e se as tecnologias são partes de nós, não haverá substância que supra esta dor. E finalmente o que não poderá ser anestesiada será a nossa mente pensante, que em meio a tantas transformações precisa raciocinar e reagir aos efeitos sociais com criticidade. Nosso corpo é uma tecnologia que nos permite pensar, locomover, falar e nos expressar de diversas maneiras, sendo a linguagem, uma técnica extraordinária que propicia a comunicação com o meio. De acordo com Bakhtin (1992) a língua é um fator social e desta forma, a fala está ligada estritamente ao ambiente coletivo que se comunica com significado. Seria então uma tecnologia repleta de signos, ideologias, conflitos e representações.

As redes sociais surgem como um incrível megafone que externaliza a voz humana e sua intenção comunicativa. Um espaço de representação, em que emite-se as mensagens, os gestos e movimentos existentes. As identidades construídas buscam suas sociedades, através das comunidades afins a que cada um deseja participar. Os grupos nas redes sociais e nos blogs emergem com seus ideais, pensamentos, desejos, protestos, consumos e um misto de interlocuções no ambiente que é virtual, mas também presencial numa relação cada vez mais híbrida. A técnica e o homem unidos por um contexto de novas e velhas tecnologias que transformam o cotidiano da humanidade, estendendo possibilidades ímpares. Os cartões das agências bancárias estão sendo dispensados, pois a leitura digital é feita em nosso corpo, as senhas estão em nossas mãos e não fora como antes. Sabemos que as próteses estão sendo implantadas no homem, seja para uma cura ou para aperfeiçoar a estética, torná-lo mais belo, pois há uma cultura sendo cultivada, aquela em que se valoriza a jovialidade e a beleza do corpo. Sobre isto, convém afirmar:

Hoje, porém, o corpo começa a habitar o campo de nossa liberdade; podemos transformá-lo em sua forma e em sua capacidade de perseverar no ser. Pensemos, a partir do que já está sendo posto em prática, nos desdobramentos possíveis da engenharia genética, da imunologia, da cirurgia plástica e das próteses e nos espantaremos em o quanto o corpo passa a depender de nossa ação tecnologicamente potencializada (VAZ, 1999, p.2).

Visualizamos uma cultura dos implantes, dos silicones e dos robôs que já operam, o humano também é tecnológico, as palavras já não são emitidas unicamente pelo aparelho fonador, mas também pelos ambientes de bate papo ou *messenger*. Evoluções ou revoluções? Inclusão ou exclusão? Mídias criadas pelo homem e para o homem que se faz e refaz no cotidiano entrelaçado de virtualidades cada vez mais físicas e concretas, que trilham um caminho de difícil retrocesso, talvez não queiramos ou consigamos mais retornar ao corpo de antes, pois vivemos a mudança tecnológica em que não existe mais o sujeito antes da técnica.

Notamos uma cultura permeada pelas tecnologias da informação e comunicação, em que as formas de pensar e agir se adaptam à novas estruturas, estar conectado não é o que nos diferencia, mas caracteriza. Os sujeitos e os movimentos instituintes percorrem a virtualidade para consumir informação, saberes, leituras, produtos, negócios, espertezas, medos e riscos. Arriscar-se neste universo tecnológico não é uma opção, mas um determinante, vimos isto desde a adaptação dos idosos aos novos sistemas bancários, com tecnologias menos analógicas e mais digitais. Em um contexto imerso às tecnologias, presenciamos o nascer de uma nova vida na cultura *touch screen*, em que pertencer a esta realidade é muito natural, onde homem e técnica são inseparáveis e seguem um fluxo de incertezas, novidades e experiências, como um projeto, que em sua execução se submete ao risco da aprovação ou não. Em um mundo repleto de tecnologias, o que não pode faltar é a consciência humana, sua criticidade e ética em tempos de rápidas informações onde o consumo cego, invisibiliza e despotencializa o homem, àquele que criou a técnica e por ela pode ser dominado, causando quem sabe um duelo de titãs. Tecnologia versus homem ou homem versus ele mesmo?

Diante do exposto, as tecnologias da informação e comunicação não podem ser visibilizadas com inocência ou ingenuidade. Vimos à relevância de utilizar os espaços virtuais para divulgação da leitura e do conhecimento, onde as ideias precisam ser transmitidas, discutidas e compartilhadas, revelando um uso tático e ativista da cibercultura (LEMOS; LÉVY, 2010). Ser insurgente significa opor-se ao que nos incomoda, ou seja, movimentar-se contrariamente a todo tipo de alienação ou exploração ao qual temos visto ocorrer na sociedade atual, inclusive fazendo usos espertos das TICs. Nesta perspectiva usar a rede para subverter os propósitos capitalistas seria uma possibilidade de mudança, isto enquanto as

tentativas de bloqueios, disciplinas e punições ainda não dominarem plenamente os espaços virtuais. Percebemos a importância da insurgência, através dos manifestos e publicações nas redes sociais, externalizados nas poesias e literaturas disponíveis nos Blogs, nos vídeos e páginas da internet. Disseminar na rede incentivos à leitura e a consciência crítica, percorrer os espaços urbanos trocando livros e saberes, montando rodas de conversa, distribuindo livros e multiplicando as leituras pode ser um caminho para a transformação social. Em pequenos passos e inquietantes desejos por transformação, percebemos a riqueza do ato de ler e de compartilhar com o outro nossas descobertas. Ressaltamos a ideia de livros viajantes e itinerantes, dos grupos encontrados nas redes sociais e dos blogs que apresentaram encontros percorridos em pontos urbanos e em praças para distribuir as literaturas, conversar e compartilhar saberes.

4. Considerações Finais:

Foi consideravelmente relevante realizar a conexão das aprendizagens tecidas na disciplina de Conhecimento, Cultura e Tecnologia com a pesquisa aqui iniciada sobre os movimentos que percorrem nossa sociedade. Conhecer os coletivos “Livros Itinerantes” e “Livros Viajantes, Leia e Passe Adiante” permitiu linkar nossas leituras e analisar o poder das mídias e tecnologias utilizadas em nossa sociedade, assim como outros usos que se têm feito destas linguagens tão presentes em nossa sociedade.

Presenciamos um tempo de mudanças e significativas transformações paragmáticas, de um lado tecnologias a todo vapor, de outro modos conservadores e tradicionais de pensar nas tecnologias. Percebemos o campo educacional ainda numa perspectiva conservadora, limitando-se a usar de forma instrucional as mídias digitais e TICs tão presentes no cotidiano, muito distante de práticas educacionais significativas. Consideramos pertinentes as contribuições de Franco (2015) ao refletir sobre “uma nova experiência do tempo”, tempo este intimamente ligado às tecnologias que mudam substancialmente as formas de pensar e conhecer.

Vivenciamos as redes sociais, tempo das selfies, do clique e da geração touch screen. Crianças nascem em uma cultura em que se clica, conforme afirma Perrenoud (2000), percebemos as mudanças nas formas de se comunicar, a linguagem é digital, mas também humana. A técnica é o ambiente do homem e não mais uma ferramenta, os movimentos sociais, especialmente os grupos aqui pesquisados, apresentam esta dada realidade. Vimos as redes sociais e os blogs como espaços de incentivo à leitura, à poesia e à criticidade.

Buscamos significar os coletivos aqui citados como caminho de possível transformação social, de incentivo à cultura e ao conhecimento. Em uma sociedade mergulhada de tecnologias, constatamos ainda uma seca de acesso às condições dignas de vida, onde “nascer livres e iguais em dignidade e direitos” conforme afirmado no Art. 1 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, restringiu-se apenas ao caráter de lei, pouco efetiva na prática. Vivemos expectativas diante de uma nova cronologia, de um novo tempo, tempo este digital, mas que ainda se mostra também analógico. Em tempos de selfie, o outro não pode permanecer invisibilizado e muito menos excluído. Algo precisa ser feito, não podemos viver a era digital apenas como consumidores, pelo contrário, as redes sociais ainda podem externalizar as vozes da grande massa, corramos pois não sabemos até quando esta subversão será possível. Seduzidos por um universo tecnológico, mas ainda humano pensemos na importância da leitura como ato político e especialmente como munição para a insurgência.

Referências

ABREU, Karen Cristina Kraemer. História e usos da Internet. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. ISSN:1646-3137. Ano: 2009. Disponível em:< <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-karen-historia-e-usos-da-internet.pdf>. Acesso em 05/10/2016>.

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BERNINI, Ednéia Aparecida Bernardineli & MENEGASSI, Renilson José. **Interlocução na Produção de Cartas Pessoais na Sala de Aula**. DOI: 10.5433/2237-4876.2013v16n2p17. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/15285/14030>> Acesso em: 08/10/2016.

BLIKSTEIN, Paulo; ZUFFO, Marcelo Knorich. As sereias do ensino eletrônico. In: SILVA, Marco (org.) **educação online**. São Paulo: Edições Loyola, 2012. 4ª edição.

BRASIL. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1998. Adotada e proclamada pela resolução 217A(III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>> Acesso em 06/10/2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Ed. 34, 1998. GUMBRECHT, Hans Ulrich. Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed PUC-Rio, 2010.

DUNLEY, Glaucia. **A festa tecnológica**. O trágico e a crítica da cultura informacional. Fiocruz: Rio de Janeiro, 2005.

ESCOSTEGUY, D. Ana Carolina. **Cartografia dos Estudos Culturais** –uma versão latino americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FRANCO, Monique. **Historicizando o tempo: cognição, tecnologias e currículo**. Disponível em <<http://27reuniao.anped.org.br/gt12/t127.pdf>> Acesso em 28 nov. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 5ed. São Paulo: Associados, Cortez. 1983.

FOLADORI, Guillermo. Na busca de uma racionalidade ambiental. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X2000000100010&script=sci_arttext&tlng=es> Acesso em 05 jun. 2016.

GALIMBERTI, Umberto. Psiche e Techne. **O homem na idade da técnica**. São Paulo: Paulos, 2006 – pp 7-81.

GALVÃO, Leonardo: Sistema Fortuito (Des)encontro: Estratégia Hacker de um Sistema Telemático p. 4. In BRITO, Thaís. (Org). **Contracultura Digital**. (FUNARTE 2012). Disponível em: <http://culturadigital.br/contraculturadigital/files/2012/02/contraculturadigital_publica_v3.pdf> Acesso em: 13 nov. 2016.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed PUC-Rio, 2010.

KERCKOVE, Derrick de. **A pele da cultura**. São Paulo: Annablume, 2009.

KLEIMAN, D. G.; PRICE, MR Stanley; BECK, B. B. Criteria for reintroductions. In: **Creative Conservation**. Springer Netherlands, 1994. p. 287-303.

LE MOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulos, 2010.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1993.

MALINI, Fábio. **A informação como arma política: do confinamento ao descontrole**. p. 168. COCCO, Giuseppe; Galvão, Alexander Pate; SILVA, Gerardo.(orgs). Capitalismo Cognitivo. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PEIXOTO, Joana. Relações entre sujeitos sociais e objetos técnicos. **Revista Brasileira de Educação** v. 20 n.61 abr-jun.2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v20n61/1413-2478-rbedu-20-61-0317.pdf>. Acesso em: 10/01/2017.

PERRENOUD, Philip. **Dez Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: ArtMed Editora, 2000.

SAKÁRNIO, Thiago. Cultura Digital e Movimento Social. p. 20 in BRITO, Thaís. (Org). **Contracultura Digital**. (FUNARTE 2012). Disponível em: <http://culturadigital.br/contraculturadigital/files/2012/02/contraculturadigital_publica_v3.pdf> Acesso em: 19 nov.2016.

VAZ, Paulo Roberto Gibaldi. Corpo e Risco. **Forum Media**, Viseu, v.1, n.1, p.101-111, 1999. Disponível em: <<http://souzaesilva.com/Website/portfolio/webdesign/siteciberidea/paulovaz/textos/corpoerisc.pdf>> Acesso em: 20 nov.2016.